

O QUE ESTÁ POR TRAZ DOS CANTEIROS DA UNIVERSIDADE?

Coordenador: FABIO KESSLER DAL SOGLIO

A alimentação da maior parte das pessoas no Brasil é baseada em uma baixa variedade de produtos alimentícios. Isso decorre da atual cultura de produção alimentar industrial, em larga escala, que preza pelas monoculturas. O parâmetro, quase único, é a alta produtividade, a despeito da perda da biodiversidade, do desemprego e do êxodo rural no campo. Como consequência, nos acostumamos às paisagens homogêneas, como se elas fossem sinônimos de intervenção moderna e sinal de asseio contra paisagens heterogêneas, que podem abrigar "inços", ou "plantas daninhas". Tornamos-nos alheios à diversidade e, assim, quando passamos quase todos os dias por canteiros que poderiam estar abrigando plantas espontâneas, inclusive de alto valor nutricional e medicinal, não percebemos sua presença e, por conseguinte, sua importância. São plantas reconhecidas tradicionalmente devido ao seu valor alimentício muito antes de comprovações científicas alertando seus benefícios à saúde. Algumas são utilizadas para fins medicinais, porém geralmente desconhece-se a possibilidade de complementar a alimentação com estas mesmas plantas. Sendo assim, é essencial a difusão destes conhecimentos para que retomemos a cultura "do alimento pelo medicamento", agregando assim maior peso a soberania alimentar como medicina preventiva. No Campus do Vale da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em uma pequena caminhada por canteiros e gramados, podemos perceber a presença de, pelo menos, algumas dezenas de espécies de plantas alimentícias nativas e espontâneas, que estão sendo chamadas de plantas alimentícias não convencionais (PANCs). Neste caso podemos citar serralha, almeirão do campo, dente-de-leão, urtiga, morrião, tansagem, entre outras. Estas têm papel essencial, como medida de conservação da biodiversidade, cumprindo seu papel ecológico inerente, servindo como um banco de germoplasma de plantas de interesse ecológico-econômico e, também, como material para utilização em aulas de Botânica. Atualmente estas plantas são eliminadas pelo corte raso dos gramados restando poucas espécies de gramíneas e gerando empobrecimento da diversidade da flora local. Para que sejam percebidas e valorizadas, é necessário o desencadeamento de um processo de conscientização tanto por parte de toda a comunidade acadêmica, que convive no cotidiano das áreas verdes do Campus, quanto dos funcionários que fazem do corte da grama nos canteiros. Esta conscientização consiste na ampliação das perspectivas de uso da biodiversidade através da divulgação dos conhecimentos sobre a importância ecológica e formas de utilização

destas plantas. A partir do momento em que as PANCs estejam reconhecidas nos gramados e canteiros, tornar-se-ão em um suporte ao trabalho de extensão do Grupo Viveiros Comunitários da UFRGS. O uso das PANCs é importante na educação ambiental, na soberania alimentar e nas políticas de biodiversidade, servindo como quebra de paradigma. Podem e devem se tornar aliadas para suprir o desfalque de nutrientes gerado pela má alimentação. Ainda, as mudas destas plantas, que estão sendo cultivadas no Viveiro Bruno Irgang, estão servindo como forma de divulgação dos usos das mesmas, tendo sido colocadas em exposições durante alguns eventos. Estas mudas foram expostas na feira da Biodiversidade, na feira agroecológica do Bom Fim e serão expostas na Expointer. A necessidade da preservação e de divulgação torna-se ainda mais visível quando nos referimos a ramos sociais que não tenham condições financeiras de pagar o alto valor agregado nos produtos de origem alimentícia comercializados convencionalmente, e, devido à má distribuição de alimentos e ao aumento de demanda dos mesmos, que cresce conjuntamente com a população mundial, surge a possibilidade de consumo de plantas de fácil cultivo, já que são rustificadas. Sendo assim, o uso de agrotóxicos, insumos químicos ou qualquer outro tipo de material inorgânico agressivo a saúde do solo, de quem aplica e de quem consome o alimento torna-se desnecessário. Inicia-se um processo de reeducação e de valorização da medicina popular e de prevenção de doenças. O projeto procura constituir, junto com os funcionários que fazem a manutenção do corte da grama nos canteiros e como de toda a comunidade acadêmica, que convive no cotidiano das áreas verdes do Campus uma nova percepção sobre a existência dessas plantas. Esta nova percepção consiste na ampliação das perspectivas de uso da biodiversidade através da divulgação dos conhecimentos sobre a importância ecológica e formas de utilização destas plantas. O foco da ação centra-se no levantamento e divulgação dos usos e importâncias ecológicas destas plantas, bem como no desenvolvimento da produção de espécies vegetais nativas de interesse. Inicialmente, serão elaborados questionários que serão aplicados com o intuito de obtermos informações sobre as percepções do tema pelo público acadêmico (estudantes, funcionários e professores). Juntamente à apresentação dos questionários, será apresentada a cartilha, desenvolvida pelo grupo, sobre PANCs. Ainda, as mudas destas plantas, que estão sendo cultivadas no Viveiro Bruno Irgang, estão servindo como forma de divulgação dos usos das mesmas, tendo sido colocadas em exposições durante alguns eventos. Estas mudas foram expostas na feira da Biodiversidade, na feira agroecológica do Bom Fim e serão expostas na Expointer. Paralelamente, em pesquisas bibliográficas e de laboratório pretende-se analisar não somente o uso e conteúdo nutricional, como o potencial medicinal destas plantas, com a precaução devida à

possibilidade de toxicidade de algumas delas, ou a eliminação de elementos antinutricionais por diferentes maneiras de preparo. Serão divulgados os resultados obtidos para a sociedade por meio da extensão.